A DIVINA COMÉDIA

de Dante Alighieri

(1265 - 1321)

Resumo da Narrativa

A viagem de Dante começa na quinta-feira santa do ano 1300 e termina na quinta-feira de cinzas. Seu início coincide com o equinócio da primavera sob lua cheia. Dante teria trinta e cinco anos e está no meio da sua vida: "mezzo del camin de nostra vita". A obra divide-se em três partes, Inferno, Purgatório e Paraíso, cada uma com 33 cantos (o inferno tem 34), compostos em tercetos (1-3, 2-4, 4-6, 5-7...). A obra teria sido escrita ao longo de muitos anos, provavelmente entre 1308 e 1321, ano de sua morte. Chamada originalmente de "Comédia" no sentido antigo, foi-lhe acrescido o adjetivo "divina' por Boccacio em 1355.

Dante Alighieri, na obra "O Banquete" ("Convito"), diz que uma obra pode ser lida em quatro sentidos ("si possono intendere e debbonsi sponere massimamente per quattro sensi"): o literal; o filosófico-teológico; o político-social e o metafísico-iniciático. Esta abundância de leituras aplica-se à "Divina Comédia", talvez como a nenhuma outra obra.

Arquitetura do Mundo Extraterreno

Sob a crosta terrestre abre-se, no hemisfério boreal, precisamente debaixo de Jerusalém, uma profunda depressão em forma de cone, criada pela queda de Lúcifer, o anjo rebelde, que se acha cravado no fundo do abismo que vai até o centro da terra. As terras que saltaram durante a queda do anjo confluíram no hemisfério austral, formando uma ilha constituída por uma montanha cônica no cimo da qual está colocado o Paraíso Terrestre, exatamente nos antípodas *(que ou o que se situa em lugar diametralmente oposto)*, portanto, de Jerusalém, e na fronteira extrema do mundo da matéria.

Na depressão, que se abisma em nove círculos concêntricos, está situado o inferno. Os condenados estão disseminados, nestes círculos, de acordo com a gravidade dos pecados; e o pecado é tanto mais grave quanto mais violou o pecador o que o tem em si de divino.

Sobre a montanha cônica do hemisfério austral está situado o Purgatório. Nele as almas estão distribuídas sobre terraços que se escavam no flanco do monte. Sete são as faixas correspondentes aos sete pecados capitais; com o Ante-Purgatório e o Paraíso Terrestre é atingido o número nove que, com o número três, se encontra na base de toda a disposição da Divina Comédia. Os dois reinos estão ligados por estreito caminho subterrâneo que, no fundo do abismo infernal, leva às praias da ilha do Purgatório, no hemisfério oposto, guardadas zelosamente por Catão de Útica, exemplo de virtude moral romana.

Notas:

- *Dante escreve no equinócio de primavera e outono (a duração do dia e da noite são iguais) – por volta de 1302*
- *Comédia é quando tudo dá certo (não confundir com sátira)*
- ***Pecado** é a rebelião contra o cosmos.*
- ***boreal** → refere-se ao norte enquanto que **austral** → refere-se ao hemisfério sul*
- *O velho solitário é **Catão de Útica** (não é o censor), legista romano aliado a Pompeu que, sabendo que César venceria e fundaria o Império, se suicidou em nome da liberdade republicana. Márcia é a esposa de Catão que permanece no Limbo, de onde Catão foi tirado por vontade divina. A luz das quatro estrelas (prudência, temperança, justiça e fortaleza) iluminam Catão, que ainda representa a liberdade, pela qual morreu. Apesar de ter se suicidado e de ser um oponente de César e do Império (como Bruto e Cássio), Catão não está no Inferno. Para Dorothy Sayers "por causa de sua devoção à liberdade política ele aqui é guardião do caminho da liberdade espiritual." Quanto ao suicídio, ela explica "O seu suicídio não o qualifica ao Inferno pois os pagãos são julgados de acordo com seu próprio código, que não condenava o suicídio. Dante não coloca cristãos suicidas no Purgatório ou Paraíso, nem pagãos na parte do Inferno onde são punidos os suicidas."*

Acima do Paraíso encontra-se, naturalmente o Céu, onde nove estrelas circulam com órbitas sempre maiores e, com movimento sempre mais rápido, girando em volta da Terra imóvel, segundo o sistema ptolomaico. Acima delas, está o fulgurante Empíreo, onde resplende Deus, circundado pelos bem-aventurados triunfantes e por legiões de anjos.

O Inferno é o território da ausência de amor, o Purgatório é o mundo do amor imperfeito e o Paraíso é o reino do amor pleno.

O Inferno

No meio do caminho de sua vida, Dante, tendo-se perdido numa “floresta escura”, tenta em vão subir uma colina luminosa, mas três feras, um leopardo, um leão e um lobo, que segundo uns, simbolizam as concupiscências *(cobiça de bens materiais, anelo de prazeres sensuais – Ex.: confunde amor com c. – na teologia, uso pejorativo: é cobiça natural do homem pelos bens terrenos, conseqüência do pecado original e que produz desordem dos sentidos e da razão)* humanas e, segundo outros, as três forças responsáveis, no tempo de Dante, pela desorganização política na Itália, quais sejam, a luxúria de Florença, a soberba da França e a avareza de Roma (Papado), impedem-lhe o passo. O poeta romano Virgilio, autor de “Eneida”, enviado por Beatriz, Santa Lúcia e pela Virgem Maria, aparece a Dante e prevê o advento de um “Veltro” *(na época medieval significava um cão de caça adestrado e veloz – seria um sujeito que unificaria a Itália como Dante gostaria que acontecesse, mas este personagem nunca apareceu)* para “redimir a Itália” e propõe-lhe um caminho para chegar à contemplação de Deus: o áspero e terrível percurso que atravessa os domínios de Lúcifer. Dante hesita e só quando Virgílio o informa de que tal privilégio lhe fora concedido pela oração de uma mulher bendita, Beatriz, que deseja a sua salvação, o poeta dirige-se para seu destino, guiado por Virgílio.

Atravessado o limiar infernal, um portão com o aviso “Deixai toda a esperança, vós que entrais” *(“Lasciate ogni speranza voi che entrati”)*, Dante encontra no vestíbulo os covardes, os que viveram *“sem infâmia e sem louvor”*, juntamente com os anjos que, quando da revolta de Lúcifer, não souberam de que lado se colocar. Estes, que quiseram impedir a batalha, estão agora condenados a perseguir sem descanso uma bandeira oscilante, pungidos por vespas e zangãos. Entre os ali condenados, Dante vê o papa Celestino V, cuja abdicação ensejou o papado de Bonifácio VIII, tido por Dante como mandante de seu exílio. Este é o primeiro exemplo da lei do contrapasso, segundo a qual no Inferno as penas são infligidas em estreita relação – por analogia e por contraste – com os pecados cometidos. A mesma lei governa o Purgatório.

Entre o vestíbulo e o primeiro círculo do Inferno corre o rio Aqueronte. As suas margens estão os recém-chegados, esperando que Caronte, o demônio dos “olhos de brasa”, os atravesse para a outra margem, onde serão julgados por Minós, monstruoso juiz que, dando voltas na cauda, indica o círculo a que cada pescador está destinado.

No primeiro círculo, para além do rio, há o Limbo, que recebe as almas das crianças mortas sem batismo e as almas daqueles que viveram honestamente antes da vinda de Cristo, como Virgilio. Não há penas no limbo, mas atmosfera melancólica. Dante encontra aí os grandes pensadores e escritores da antiguidade: Homero, Aristóteles, Horácio, Ovídio, Lucano e outros.

O Inferno propriamente dito começa, portanto, apenas no segundo círculo, onde os luxuriosos são arrebatados por tempestades de Vento e arremessados contra as rochas. Entre eles está Francesca da Rimini, ainda abraçada ao seu Paolo Malatesta, que narra ao poeta sua trágica história.

No terceiro círculo, os glutões são flagelados por chuva putrefata e ferozmente vigiados por Cérbero, o cão com três cabeças. Ali o florentino Ciacco fala a Dante das lutas entre as facções opostas de Florença. No Inferno e no Purgatório todos têm visão dos fatos futuros, mas não têm visão dos fatos presentes. Por esta razão, pedem a Dante noticias dos seus e retribuem com profecias. No quarto círculo, desfilam os avarentos e os pródigos que empurram pedras enormes e se xingam. No quarto círculo desfilam os avarentos e os pródigos, que empurram pedras enormes e se xingam. No quinto círculo, os iracundos esmurram-se raivosamente na lama ardente do pantanoso rio Estige, enquanto, completamente submersos, os rancorosos lamentam-se.

Notas:

• ***Ignavo*** *→ que não trabalha, sem ação, inativo, ocioso / que não tem coragem, covarde, pusilânime, fraco – Ex.: os anjos que não tomaram partido na briga de Lúcifer com Deus e nada fizeram, lá estavam por conta desta falta de ação...*

• *O* ***Rio Estige*** *é aquele onde Aquiles foi banhado por sua mãe.*

• *O* ***Rio Flegetonte*** *(Phlegethon) é o rio de sangue fervente que tortura os pecadores que foram violentos contra os seus semelhantes. Na mitologia grega é um rio de fogo.*

• *Até o Círculo V, inclusive, o Inferno é chamado de Superior – do Círculo VI em diante (até Lúcifer), é chamado de Inferno Profundo.*

• *Pródigo → que dissipa seus bens, que gasta mais do que o necessário, gastador, esbanjador, perdulário*

• ***Cidade de Dite (Dis)*** *→ é a cidade dolente (que sente e/ou expressa dor; lamentoso, magoado, queixoso), habitada pelos* ***hereges*** *que duvidavam da sua existência – serve de divisão entre os pecados cometidos sem intenção (culpa) e os pecados cometidos conscientemente (dolo).*

Para atravessarem o pântano, Dante e Virgílio navegam na barca do demônio Flégias, que os deixa na margem em frente a porta da cidade de Dite, outro nome para Lúcifer. Muros de fogo encerram a parte mais baixa e mais terrível do Inferno, aquela onde mais graves são as culpas e mais terríveis as penas, às vezes inspiradas por mordazes ironias. No entanto, os diabos estão decididos a impedir a entrada na cidade de Dite àquele que "sem morte vai pelo reino da gente morta" (Dante): trancam todas as portas, enquanto as três Fúrias, Alecto, Tisífone e Megera, aparecem por sobre as ruínas e, junto com elas, a górgona Medusa que tenta petrificar Dante, salvo pela intervenção de Virgílio. Chega a tempo um anjo que, com o toque de uma vara, abre as portas do reino de Dite, repreendendo asperamente os diabos.

Recomeça a viagem, e Dante vê no sexto círculo infernal, em sepulcros de fogo, os heréticos, entre os quais Farinata, gibelino responsável pela derrota dos guelfos em Montalperti. Este faz profecias sinistras sobre o futuro de Dante na terra. Já no sétimo círculo, os violentos contra o próximo, os tiranos, homicidas e salteadores, estão imersos no sangue fervente do Flegetonte e são alvejados pelas flechas dos centauros, assim que ousam erguer um pouco a cabeça; os violentos contra si mesmos, isto é, os suicidas como Píer delle Vigne, foram transformados em árvores nodosas cujos galhos são bicados dolorosamente por harpias mosntruosas; os esbanjadores são perseguidos e devorados por cadelas ferozes.

Os violentos contra Deus e os violentos contra a natureza são submetidos à implacável chuva de fogo; contudo, enquanto os violentos contra a natureza (isto é, os sodomitas, como Brunetto Latini,) professor de Dante) caminham, aliviando assim o seu tormento, os violentos contra Deus, isto é, os blasfemos, devem permanecer deitados sob o flagelo da chuva ígnea. Também os usurários são submetidos a ela, mas sentados, e movendo nervosamente as mãos sobre a cabeça para se defenderem. Os dois poetas chegam assim à extremidade do sétimo círculo, onde se abre profundo e íngreme precipício. Para o superar, Dante deve subir com Virgílio na garupa de Gérion, um monstro alado com uma cauda afiada que, em lentíssimo vôo circular, desce com os dois ao fundo do abismo até o círculo seguinte.

Já no oitavo círculo, num crescendo de horror, chegam aos *malebolge*, dez valas concêntricas separadas por diques sobre os quais se assentam pontes de pedra. Nas valas, o longo desfile de pecadores continua. No primeiro fosso, os alcoviteiros *(dono de bordel)* são flagelados por demônios; no segundo, os aduladores estão imersos em estrume; no terceiro, os simoniacos *(compra ou venda ilícita de coisas espirituais como indulgências e sacramentos ou temporais ligadas às espirituais como os benefícios eclesiásticos)* são espetados com a cabeça para baixo em pequenos buracos, com as plantas dos pés para fora e em fogo; no quarto, os adivinhos desfilam com as cabeças torcidas para trás. No quinto fosso, os vendilhões debatem-se em piche fervente e demônios (os *"malebranche")*, armados com arpões, obrigam os desgraçados a permanecer inteiramente submersos.

Para poder continuar, Virgílio argumenta com Malacoda *(rabo ruim),* o chefe dos diabos, que os libera, mas indica o caminho errado. Os hipócritas, oprimidos por pesadíssimas capas de chumbo, arrastam-se no sexto fosso. O sétimo está repleto de serpentes de todas as medidas, cores, venenos, que se lançam sobre os ladrões; envolvem os seus membros enroscando-se neles, apertam-nos e mordem-nos. Ao serem atingidos, os infelizes incendeiam-se e são completamente incinerados para ressurgir de suas cinzas como a fênix da fábula. Outros condenados, uma vez picados, transformam-se em serpentes, enquanto as serpentes que os mordem se transformam em homens. Todo o fosso fervilha de estranhos seres metamorfoseantes: caudas que se tornam pernas e línguas que se bifurcam. Depois deste monstruoso espetáculo, eis, no oitavo fosso, o crepitar de chamas que encerram os conselheiros fraudulentos, entre os quais os gregos ladinos Ulisses e Diomedes. Ulisses conta a Dante a sua última aventura no oceano sem fim, para além das colunas de Hércules e proclama o destino dos humanos: *"Relembrai vossa origem, vossa essência: criados não fostes como os animais, mas donos de verdade e consciência."* Depois de haver falado com Ulisses e também com Guido de Montefeltro, líder gibelino da Romagna, que havia dado conselhos maliciosos a Bonifácio VIII, Dante e o mestre fiel retomam o caminho encontrando no nono fosso os promotores de discórdias e os cismáticos *(geram dissidências religiosas)* cortados em pedaços pelas espadas afiadíssimas dos demônios. Entre eles, aparece Bertrand de Born, trovador provençal que, tendo separado um pai do filho, com maus conselhos, caminha segurando pelos cabelos a sua própria cabeça, separada do tronco.

No último fosso dos *malebolge*, o décimo, estão apinhados os falsários, oprimidos por terríveis doenças: os falsários de metais arranham furiosamente suas sarnas: os de moedas estão tumefatos; os mentirosos ardem em febre.

Deixando os *maleboge*, e o oitavo círculo, o poeta julga ver vaga paisagem de torres, mas aos poucos percebe que as torres são de fato três gigantes agrilhoados, que emergem da bruma caliginosa *(suja, escura)*. Trata-se de Efialto, Anteu e Nemrode, o que ousou desafiar Deus com a sua torre de Babel e que agora balbucia palavras sem sentido. Cabe ao gigante Anteu o encargo de fazer descer Dante e Virgílio ao décimo círculo, o derradeiro precipício: segura-os, inclina-se e os coloca no mais profundo círculo infernal.

Neste último círculo não há fogo, nem demônios, nem gritos de condenados: o fundo do inferno é gélido, um imenso bloco de gelo, feito a partir das águas congelantes do rio Cocito. Prisioneiros aí, com a cabeça imersa na estrutura gelada, estão os traidores de parentes (***caina***), da pátria (***antenora*** – que traiu os troianos

ajudando a colocar o cavalo de madeira para dentro da cidade), de hóspedes (***ptoloméia***) e dos benfeitores (***judeca***). Em meio a esta imobilidade alucinante, o conde Ugolino raivosamente rói o crânio do Arcebispo Ruggieri, que em vida o traiu e o condenou à morte por inanição, junto com filhos e netos, emparedando-os na torre de Gualandi, em Pisa.

Notas:

• ***Malebolge*** *(bolsas ou valas malditas) → O oitavo círculo do Inferno é dividido em 10 bolsas circulares. Dentro de cada vala é punida uma modalidade de fraude. É possível atravessar as valas através das pontes de pedra que interligam os rochedos que as isolam. As beiras de cada vala são mais baixas no interior do círculo que no seu exterior, pois cada vala está num plano mais baixo que o outro. Depois da décima vala, há mais um rochedo e em seguida há um grande fosso que leva ao nono e último círculo.*

• ***Círculo da violência*** *→ Enquanto nos círculos da incontinência são punidos os pecados da culpa causada pela falta de auto-controle, nos círculos da violência são punidos os pecados dolosos, ou seja, que foram cometidos de forma consciente e por vontade do pecador, que teve que agir de alguma forma para escolher o mal. A violência é uma característica bestial do ser humano. Os seres mitológicos que habitam este círculo são seres meio humanos e meio animais como os centauros, o Minotauro e as Harpias.*

• ***Círculo da fraude*** *(fraude simples) → A fraude é uma característica humana, pois exige o uso do intelecto. O pecador, portanto, não só procurou o mal por vontade própria como o planejou, premeditou o seu ato na sua mente antes de executá-lo. Os seres mitológicos que habitam o oitavo círculo mentem, enganam e trapaceiam. São demônios.*

• ***Círculo de traição*** *(fraude complexa) → A traição é o pior dos crimes. É o mal planejado e executado contra uma pessoa desarmada e indefesa que assim se encontra por se sentir segura diante do agressor, no qual confia. Este pecado é representado por Lúcifer, que traiu a Deus. O próprio Lúcifer se encontra no centro da terra, no nono círculo onde tortura eternamente os traidores humanos.*

Com a visão de Lúcifer, o anjo rebelde, reduzido agora a monstro com três bocas, cada uma mastigando um dos três maiores traidores (Judas, traidor de Cristo, e Brutus e Cassius, traidores de César e, portanto, do Império), cai o pano sobre a tragédia da humanidade condenada. Agarrando-se aos pêlos do corpo de Lúcifer, Dante e Virgílio descem mais, até chegarem ao centro da Terra, de onde um estreito caminho subterrâneo, que corre margeando um arroio, leva-los-á a “rever as estrelas”, na outra parte do mundo, onde chegam no dia de Páscoa. A viagem através do Inferno durou três dias.

> *“Íamos, eu atrás, ele adiante,*
> *quando, por uma fresta, as coisas belas*
> *nos sorriram, do espaço deslumbrante:*
> *E ao brilho caminhamos das estrelas.”*
>
> (Inferno XXXIV, 137 – 138)

Notas:

Índice dos Pecados

Os cantos a seguir estão organizados de acordo com os pecados (em negrito) e o círculo do ***Inferno*** *onde são punidos (entre parênteses). O Inferno de Dante se divide em 10 regiões (9 círculos e 1 área externa). Os círculos mais profundos se dividem ainda mais: o sétimo se divide em 3, o oitavo em 10 e o nono em 4. Ao todo são 24 regiões.*

Ausência de opção pelo bem ou pelo mal

→ ***Indecisão, covardia*** *– Canto III – (Vestíbulo)*

Ausência de pecado (desconhecimento da Verdade)

→ ***(1) Ausência de batismo*** *– Canto IV – (Limbo)*

Incontinência (pecados do leopardo)

→ ***(2) Luxúria*** *– Canto V*
→ ***(3) Gula*** *– Canto VI*
→ ***(4) Avareza e gastança ostensiva*** *– Canto VII*
→ ***(5) Ira e rancor*** *– Canto VII a Canto VIII*

Heresia (negação da Verdade)

→ ***(6) Heresia*** *– Canto IX a Canto X*

Violência (pecados do leão)

→ ***(7.1) Tirania, assalto, assassinato*** *– Canto XII – (violência contra o próximo)*

→ ***(7.2) Suicídio, gastança auto-destrutiva*** *– Canto XIII – (violência contra si)*

→ ***(7.3) Blasfêmia*** *– Canto XIV – (violência contra Deus)*

→ ***(7.3) Sodomia*** *– Canto XV e XVI – (violência contra a natureza)*

→ ***(7.3) Usura*** *– Canto XVII – (violência contra a arte)*

Fraude simples (pecados da loba)

→ ***(8.1) Sedução e rufianismo*** *– Canto XVIII*

→ ***(8.2) Adulação e lisonja*** *– Canto XVIII*

→ ***(8,3) Simonia*** *– Canto XIX*

→ ***(8.4) Magia e adivinhação*** *– Canto XX*

→ ***(8.5) Corrupção (barataria)*** *– Cantos XXI e XXII*

→ ***(8.6) Hipocrisia*** *– Canto XXIII*

→ ***(8.7) Roubo e furto*** *– Cantos XXIV e XXV*

→ ***(8.8) Maus conselhos*** *– Cantos XXVI e XXVII*

→ ***(8.9) Cisma e intriga*** *– Canto XXVIII*

→ *(****8.10) Falsificação*** *– Cantos XXIX e XXX*

Fraude complexa (traição)

→ ***(9.1) Traição contra parentes*** *– Canto XXXII – (Caína)*

→ ***(9.2) Traição contra a pátria*** *– Cantos XXXII e XXXIII – (Antenora)*

→ ***(9.3) Traição contra hóspedes*** *– Canto XXXIII – (Ptoloméia)*

→ ***(9.4) Traição contra benfeitores*** *– Canto XXXIV – (Judeca)*

Fonte*: http://www.stelle.com.br/pt/inferno/inferno.html*

O Purgatório

Há instintivo alívio no emergir da “aura morta” e no reencontrar, acima de si, o céu, com a “dulcíssima cor da oriental safira”. Tudo é diferente no Purgatório: a paisagem, a atmosfera e a luz que chove do alto.

Desaparecem o ódio, a rebelião, o crime e a desesperança. Enquanto as almas condenadas estavam visceralmente ligadas à vida na Terra e aos pecados que ainda reviviam e que reviveriam por toda a eternidade, os penitentes do Purgatório, afastados das vicissitudes terrenas, encontram-se tendidos para a sua futura união com Deus. As tragédias sofridas na Terra estão muito afastadas e já não fazem bater o coração. No Purgatório, impera a esperança.

As próprias penas a que os purgatórios estão submetidos não têm o terrível relevo plástico do Inferno. O sofrimento físico quase desaparece perante a torturante dor espiritual, mitigada *(suavizada)*, porém, pela resignação esperançosa. Mal chegado à praia da ilha quando descobre as estrelas do hemisfério austral e o esplêndido cruzeiro do sul. Dante percebe de súbito, perto de si, um velho de barba branca. É o estóico Catão (bisneto de Catão, o Censor) que em Útica se matou por não suportar a derrocada da Roma republicana, e que lhe cobra explicações por tão inusitada aparição. O rosto de Catão é iluminado pelas quatro estrelas do céu, representando as quatro virtudes morais cardeais: prudência, temperança, fortaleza e justiça *(virtudes com relação ao mundo ao redor dele – as virtudes teologais são fé, esperança e caridade, em relação a Deus)*. Catão é o guardião das praias da montanha do Purgatório, por isso a montanha da expiação é o reino da liberdade em relação ao arbítrio. Virgílio fala-lhe com grande reverência e obtém para si e para o seu discípulo autorização para subir a montanha. Antes, porém, de começar a escalada, Virgílio recolhe o orvalho das ervas e com ele lava o rosto de Dante para o libertar de toda a sujidade caliginosa do Inferno.

Enquanto os poetas e Catão caminham sobre a praia, aproxima-se sobre o mar uma luz: trata-se de um barco *“ligeiro, que a água apenas roçava, levemente”* deslizando com o adejo *(agito como bater das asas)* das grandes asas de um anjo colocado à popa. Sentam-se no barco mais de cem espíritos que estão chegando ao reino da expiação, vindos da foz do rio Tibre. Entre eles o compositor Casella, que em vida havia musicado as poesias de Dante (da obra “Convívio”) e que agora, tendo desembarcado e reconhecido o amigo, não hesita em entoar a famosa “Amor que em mente conjetura” *(“Amor che ne ela menti mi ragiona”).* As almas apinham-se em volta dele para ouvir o *“doce canto”*, mas Catão repreende-as pela demora, e elas correm para as encostas do monte. Também os dois poetas se dirigem apressadamente para a montanha e, enquanto Virgílio procura um carreiro que permita a Dante, que ainda tem corpo, subir, um grupo de almas os alcança.

Depois de ter sabido porque razão um vivo se encontrava naquele lugar, uma delas se identifica: é Manfredo, que, embora excomungado, se havia salvado num extremo impulso de arrependimento, mas teria de esperar ali trinta vezes o tempo em que estava afastado da lei divina para poder subir ao Purgatório.

A subida é rude, e Dante avança agarrando-se às pedras com as mãos até chegar à primeira plataforma, que constitui a continuação do Vestíbulo (Ante-Purgatório) onde se encontram os que só se arrependeram na última hora; os que morreram sob excomunhão; os que sofreram morte violenta, mas perdoaram na última hora seus algozes e os príncipes e reis que, ocupados com os afazeres do governo, só no instante final voltaram o pensamento a Deus. Cada um desses terá de esperar no Ante-Purgatório certa quantidade de tempo para iniciar sua escalada, exigência que só pode ser reduzida com orações dos vivos. Naquela plataforma, Dante encontra Belacqua, famoso ocioso dos seus tempos, Buonconte de Montefeltro, combatente gibelino em Campaldino e, enfim, depois de muitos outros, a suavíssima e infeliz Pia de Tolomei.

Um encontro singular é o de Virgílio com Sordelo, mantuano como ele. Esta confraternização inspira a Dante a hoje célebre invectiva *(afronta)* contra o então estado das coisas na Itália: *“Ah dividida Itália, imersa em fel, nau sem piloto, em meio do tufão, dona de reinos, não, mas de bordel”.*

Sendo proibido o deslocamento à noite no monte, Dante adormece, para se encontrar na manhã seguinte, misteriosamente, em frente da verdadeira entrada do Purgatório, o portão de São Pedro, cujos três degraus simbolizam a contrição, a confissão e a penitência. Um anjo portando uma espada nua, permite-lhes a entrada, mas antes traça na fronte de Dante “sete pés”, representando os sete pecados capitais que serão apagados pouco a pouco por outros anjos, à medida que Dante passe de faixa em faixa do Purgatório, observando aqueles eu expiam seus pecados e meditando sobre exemplos de virtudes ou de vícios castigados, encenações de fatos históricos que parecem estar acontecendo naquele momento. Na medida em que se sobe, a dificuldade diminui.

Notas:

Estrutura do Purgatório

A organização dos cantos a seguir obedece à estrutura do Purgatório. Os pecados estão grifados. Os terraços (ou cornijas) onde cada pecado é punido estão indicados entre parênteses. A diferença entre a punição destes pecados e seus similares no Inferno é que sua duração é temporária, já que para chegar ao Purgatório, houve arrependimento por parte do pecador.
O Purgatório consiste de dez divisões das quais as duas primeiras situam-se fora dos portões da montanha sagrada, no Ante-Purgatório. As sete seguintes correspondem às áreas de purgação dos sete pecados capitais, que são apresentados, por Dante, como formas corrompidas do Amor. São, portanto, nove círculos de purgação e penitência. A última divisão da montanha do Purgatório é o Paraíso Terrestre onde as almas são purificadas.

→ Ante-Purgatório
- ***Excomunhão:*** *Canto III (1º terraço)*
- ***Arrependimento tardio:*** *Canto IV (2º terraço)*
  - *Demoraram por negligência ou preguiça: Canto IV*
  - *Deixaram para a hora da morte: Canto V*
  - *Por causa de suas ocupações, não tiveram tempo: Canto VI*
- **Porta do Purgatório:** *Canto IX*

→ Baixo Purgatório *(amor pervertido)*
- ***(1) Orgulho:*** *Canto X*
- ***(2) Inveja:*** *Canto XIII*
- ***(3) Ira e rancor:*** *Canto XVI*

→ Médio Purgatório *(amor falho)*
- ***(4) Preguiça:*** *Canto XVIII*

→ Alto Purgatório *(amor excessivo)*
- ***(5) Avareza e gastança ostensiva:*** *Canto XIX*
- ***(6) Gula:*** *Canto XXII*
- ***(7) Luxúria:*** *Canto XXV*
- **Parede de fogo (Paraíso Terrestre):** Canto XXVII

A soberba, mais grave deles, expia-se na primeira plataforma do Purgatório onde as almas caminham curvadas sob pesos enormes e olham para esculturas que representam exemplos de humildade. Entre os purgandos está Oderisi de Gubbio, que reconhece Dante e profetiza seu exílio de Florença. Na segunda plataforma, os olhos dos invejosos, segundo pecado mais grave, estão cosidos com fios de ferro, enquanto vozes anônimas gritam exemplos de inveja castigada; no terceiro andar, entre os exemplos de mansuetude *(mansidão)* e densa fumarada, é expiada a ira; no quarto correm alucinadamente os preguiçosos; no quinto jazem por terra, de bruços e com mãos atadas ao chão, os avarentos. No quinto terraço, Dante e Virgílio encontram a alma de Estácio, poeta latino convertido que, embora já tendo cumprido sua purificação, retarda sua subida ao céu para se entreter entusiasmadamente com Virgílio, seu inspirador. Os três sobem para a sexta plataforma, onde os gulosos, entre os quais Forese Donati, amigo de Dante, estão reduzidos a magreza esquelética, por não conseguirem acessar os frutos de uma árvore altíssima e a água de uma fonte inatingível.

Durante a subida, Estácio fala da sua conversão ao cristianismo e Virgílio dos seus companheiros do Limbo. A conversa torna-se cada vez mais erudita, versando sobre a teoria da formação do corpo e da alma sensitiva, sobre a origem da alma racional e sobre a sobrevivência da alma. Os três chegam ao sétimo andar, onde os luxuriosos arrependidos, os pecadores menos agravados, são acuados pelo fogo e caminham em dois círculos com sentido oposto: um para os heterossexuais, outro para os homossexuais.

É preciso que também Dante passe pelas chamas para purificar-se, e o bom Virgílio precisa recorrer à recordação de Beatriz para levar o relutante discípulo a atravessar o fogo. Superada a prova, Dante cai num sono profundo e sonha com jovem e bela mulher que vai colhendo flores para se engrinaldar: é Lia, símbolo da vida ativa. Uma última subida e eis as maravilhas do Paraíso terrestre, inicialmente habitado por Adão e Eva, que se espraia sobre o cume chato do monte do Purgatório.

Notas:

• ***Estácio*** *(Publius Papinus* ***Statius*** *– (45-96 dC) → poeta romano, autor de duas epopéias: a Tebaída e a Aquileida, esta última, inacabada. Compôs também várias outras obras, algumas das quais estão perdidas. Seus poemas eram populares na idade média e talvez tenham despertado a atenção de Dante por trazer, pela primeira vez, a alegoria como uma forma literária. Como romano convertido ao cristianismo, Estácio age como uma ponte entre Virgílio e Beatriz.*

• ***Oderisi*** *de Agobbio (1240-1299?) → foi um famoso pintor de miniaturas e ilustrador de manuscritos (arte chamada de alluminare na França). Teria sido convidado pelo papa (Bonifácio VIII) para ilustrar vários livros da biblioteca do palácio.*

• ***O terceiro sonho*** *de Dante no Purgatório, como os anteriores, é uma visão alegórica de algo que está para acontecer. O sonho mostra as irmãs Lia e Raquel, esposas de Jacó. A primeira era fértil e deu a Jacó muitos filhos, mas tinha olhos fracos. A segunda era bela e formosa, mas era estéril (Gênesis 29 e 30). A alegoria representa o contraste entre a vida contemplativa e a vida ativa e pode também ser aplicada às duas mulheres que Dante conhecerá no Paraíso Terrestre.*

Chega o momento da despedida de Virgílio: com a chegada próxima de Beatriz, Dante já não precisa mais ser amparado por seus conselhos. Na *"divina floresta, espessa e viva",* o poeta continua sozinho, voltando-se, porém, para o seu mestre, que o olha afetuosamente de longe. Junto de um límpido regato. Dante avista uma mulher de celeste beleza. Matelda, que caminha *"cantando e escolhendo flores no meio de flores".* Matelda é a guardiã da inocência primitiva do Éden.

Subitamente aparece mística procissão: sete candelabros ardentes, vinte e quatro anciãos cingidos com flor-de-lis, quatro animais com seis asas cada e o carro alegórico puxado por um grifo simbolizando respectivamente os dons do Espírito Santo, os livros do velho testamento, os quatro evangelhos e a Igreja puxada por Jesus. Em volta do carro dançam as três virtudes teologais, fé, esperança e caridade, e as quatro virtudes cardeais, prudência, temperança, fortaleza e justiça. E eis que *"sob alvíssimo véu, a que cingia um ramo de oliveira, e verde manto, em traje rubro uma mulher surgia".* A emoção do poeta atinge o clímax. É Beatriz. Dante sente renascer em si a antiga chama e volta-se para tornar Virgílio participante de tão extraordinário acontecimento, mas o mestre já havia desaparecido completamente.

Beatriz, que simboliza a luz da verdade divina, repreende severamente Dante por seus pecados, convidando-o a confessá-los.

A confissão purifica o poeta, que, depois de haver sido imerso por Matelda nos dois rios do Paraíso Terrestre, o Leto, que faz esquecer as culpas cometidas, e o Eunoé, que desperta a memória das boas ações, está finalmente preparado para subir ao Paraíso Celeste.

“Volvi da sacratíssima ablução
purificado como as plantas belas
que se vestem de nova floração
pronto a subir às fulgidas estrelas.”

(Purgatório XXXIII, 142-145)

O Paraíso

O Paraíso Celeste é o reino da beatitude, da consonância da vontade dos bem aventurados com a de Deus. É também o momento da obra em que são esclarecidos certos mistérios da cosmologia cristã e se insiste na inviolabilidade de muitos outros. É propriamente o império da luz que resplende, que irradia, flameja e palpita sobre as figuras dos bem-aventurados, nos olhos de Beatriz, sobre as esferas que se movem nos céus planetários, mais o céu das estrelas fixas e o céu cristalino *(primum móbile),* perfazendo nove esferas (cosmologia ptolomaica, onde Monday é o dia da lua, terça o de marte e assim por diante).

No Paraíso, os bem-aventurados residem todos no Empíreo em contemplação de Deus, mais perto ou mais longe d’Ele segundo seu mérito, mas todos felizes com o seu estado. Só para fazer compreender a Dante a arquitetura celeste, e para lhe mostrar os diversos graus de beatitude, os bem-aventurados se agrupam nos sete céus planetários, segundo a vida que teriam tido e conforme as regras astrológicas medievais. A Lua está associada à inconstância, logo no céu da Lua estão aqueles que não mantiveram inteiramente os votos religiosos. No sol de Mercúrio, associado à ambição, estão aqueles que praticaram o bem com o objetivo de obter fama e glória. No céu de Vênus, ligado ao amor físico, estão as pessoas que apesar de excessivamente sensuais ainda assim se salvaram. No céu do sol, ligado à prudência, estão os teólogos. No céu de Marte, ligado à fortaleza, estão os que combateram por Cristo. No sol de Júpiter, ligado à justiça, estão os príncipes justos que governaram a terra com sabedoria. Por fim, no céu de saturno, símbolo de temperança, estão os espíritos contemplativos.

Assim, do Paraíso Terrestre, Dante e Beatriz erguem-se com movimento rapidíssimo para a esfera do fogo e, ultrapassando-a, chegam ao primeiro céu, o da lua, onde se encontram os espíritos daqueles que foram constrangidos pela violência a serem infiéis aos votos religiosos. Dante encontra aí Piccarda Donati, obrigada por seu irmão Corso a deixar o convento e se casar, por conveniências políticas, com Rosselino della Tosa.

No céu de mercúrio pairam os espíritos que fizeram o bem visando obter glórias próprias. E aqui se revela a Dante, Justiniano, que celebra, em grandes linhas, a história do Império Romano, de Enéas a Carlos Magno. Depois do encontro com o imperador, Beatriz tira algumas dúvidas do poeta falando-lhe da morte de Cristo, da redenção do pecado original, da incorruptibilidade do que foi criado diretamente por Deus.

Assim discutindo, chegam à esfera de vênus, onde, entre os espíritos beatos que fortemente amaram, encontram Carlos Martel, filho de Carlos II de Anjou. Passando por Florença em 1294, o jovem angevino conhecera Dante e dera-lhe prova de grande amizade, sacrificada por sua morte prematura. Depois dele, outros espíritos amantes se revelam ao poeta. Cunizza da Romano e Folco de Marselha que censura a vergonhosa avareza dos eclesiásticos.

No quarto céu, o do sol, brilham as almas sapientes e triunfam os teólogos. Dante encontra lá São Tomas de Aquino e São Boaventura de Bagnoregio, que tecem elogios aos dois grandes campeões da fé, São Domingos e São Francisco, o primeiro pelo caminho intelectual e o segundo pelo caminho místico (são duas ordens mendicantes).

No quinto céu, de marte, estão dispostas em forma de cruz luminosa as almas dos que morreram combatendo pela fé de Cristo. Do braço direito da cruz fulgurante revela-se ao poeta o seu trisavô, Cacciaguida, morto na segunda cruzada, empreendida entre 1147 e 1149. Cacciaguida fala da Florença dos tempos antigos, quando a população, encerrada no primeiro círculo de muralhas, *“estava em paz, sóbria e pudica”*, e prediz a Dante o exílio, exortando-o todavia a suportar as injustiças confiando em Deus: *“...não cedas a invejas ou desídias que tua vida durará bastante por veres castigadas tais perfídias”* (wishful thinking).

Ao chegar à sexta esfera, a de júpiter, Dante e Beatriz encontram os governantes justos como os cristãos Carlos Magno e Godofredo de Bulhão (conduziu a 1ª cruzada) e os pagãos Rifeu de Tróia e Trajano de Roma. Dante questiona a presença de pagãos no Paraíso e é advertido pelos espíritos luminosos, dispostos em forma de águia, a não discutir os desígnios de Deus.

Dante continua a subir com Beatriz. No sétimo céu, o de saturno, os espíritos contemplativos estão ordenados segundo escala admirável que sobe até ao Empíreo, São Pedro Damião fala do mistério da predestinação: São Bento conta de si e da ordem que fundou no Monte Cassino e lamenta a sua decadência.

O oitavo céu é o das estrelas fixas, em forma de fúlgido sol, no meio das mil esplêndidas luzes dos bem-aventurados. Dante assiste ao espetáculo das sete esferas concêntricas inferiores movendo-se em torno da terra e ao triunfo de Cristo, que desce das alturas com tal luminosidade, que Dante em princípio não consegue vê-Lo.

Jesus está com Maria e os anjos. Antes da ascensão ao nono céu, São Pedro, São Tiago e São João interrogam o poeta sobre a fé, a esperança e a caridade. Dante supera com êxito este exame acerca das virtudes teologais e ouve de São Pedro a mais rude invectiva contra o papado e a sua corrupção. Aos três apóstolos junta-se Adão, que desvenda ao poeta a natureza do pecado original e lhe diz quantos anos se passaram desde a criação do homem, quanto tempo ficou no Paraíso Terrestre e que língua falou.

Depois de um hino de agradecimento a Deus, os bem-aventurados sobem para o novo céu, ou *primum móbile.* Dante contempla acima nove esplêndidos coros angélicos, cada um relacionado a um céu, cujas virtudes e funções lhe são explicadas por Beatriz; ela fala da causa, do lugar e do tempo da criação dos anjos, das suas faculdades, do seu número e das trágicas diferenças entre os anjos fiéis e os rebeldes. Beatriz esclarece que a hierarquia angélica é composta por nove grandes coros ou ordens, subdivididas em importância decrescente em três tríades: serafins, querubins e tronos; dominações, virtudes e potências; príncipes, arcanjos e anjos.

Dispensados os anjos, comparece perante os olhos de Dante ofuscante no de luz que toma a forma de Rosa Celeste, formada pelos espíritos triunfantes e pelos anjos, em volta de Deus. É o Paraíso dos contemplantes. Beatriz deixa Dante e vai ocupar o seu lugar no alto do terceiro círculo dos eleitos. Junto do poeta está agora São Bernardo, o mais ardente dos místicos, que o guiará, pois que Dante, agora, não poderá seguir com a força da razão, mas apenas por arroubos extáticos.

Invocada por São Bernardo com uma estupenda oração, a Virgem intercede junto de Deus e obtém para Dante a graça sublime: o poeta tem a visão da Divindade. É um átimo inefável, um entrever para além das capacidades humanas, um fulgor faiscante que a memória não pode fixar. E, com a vista do inexprimível, Dante termina o poema, dizendo:

“E aqui findou, sem força, a fantasia:
mas já ao meu querer soltava as velas,
qual a roda, co’o moto em sincronia
o Amor que move o sol, como as estrelas.”

(Paraíso XXXIII, 142-145)

(Aumentado e modificado por José Monir Nasser, a partir da introdução apócrifa a “A Divina Comédia” da Editora Martin Claret. Os trechos transcritos são da tradução de Cristiano Martins, in “A Divina Comédia”, Editora Itatiaia)

Áudio Aula

José Monir Nasser

É obra gigantesca! Foi escrita por volta de 1300 e há que se saber a história da época. O próprio Dante diz que qualquer livro pode ser interpretado de quatro modos: o primeiro modo é o modo *literal* (vem de letera, da palavra, a história que está sendo contada, a aparência, a narrativa); o segundo modo é o *sócio-político* (o livro representa uma interação com a sua época, com os problemas); o terceiro modo é o *teológico ou filosófico* (o livro tem lá um conteúdo que você deve procurar entender); e o quarto modo é o *místico, esotérico*, *iniciático* (veja René Guénon em *“O Esoterismo de Dante”* onde toda a simbologia flui). Este livro tem essas quatro características. Escolhemos uma tradução de Xavier Pinheiro, contemporâneo de Machado de Assis (que traduziu o Inferno apenas) – uma tradução um tanto obsoleta (mais de cem anos). Há outras, por exemplo, a que vamos usar aqui é de Cristiano Martins que foi chefe de gabinete de Juscelino Kubitschek, um mineiro que passou a vida traduzindo a Divina Comédia. O resultado foi excelente.

Tenha também à mão um Dicionário de Mitologia – o do Pierre Grimald da Ed. Bertrand é o melhor que existe – e um Dicionário de História (eu uso um francês).

Há que se saber que no tempo de Dante não havia a Itália (1700, 1800, por aí) – havia as cidades-estado como as gregas com governos autônomos mais ou menos associados ao governo eclesiástico do Papa – que tinha autoridade Papal e Civil – lembrem-se de que o Papa andava com 2 chaves, uma de ouro e outra de prata. A de ouro representava a autoridade espiritual e a de prata, a autoridade temporal. Dante era ligado ao mundo político (40% da obra tem conotação política) e como era de Florença não falava o italiano moderno e sim um dialeto. Florença era uma entidade autônoma e a língua falada, o florentino, transformou-se no padrão lingüístico nacional por causa da Divina Comédia. O italiano moderno evoluiu deste dialeto. Falava-se latim – e Dante escreve sua obra em língua local – uma ousadia!

Dante presencia o momento em que o Feudalismo está no final e nasce o mundo moderno – não se sabe quando exatamente aconteceu isto pois não há registro preciso... há referências – a *Idade Média* segundo autores tradicionalistas, acaba em 1314, quando os Templários são mortos a mando de Felipe IV, o Belo, rei da França, contemporâneo de Dante. Já era o modelo do governante moderno.

Começa o processo de invasão dos povos bárbaros. Atenção: os franceses não são um povo latino como muitos pensam e sim germânico (germânicos e gauleses eram da mesma turma do Asterix). Não existe nenhuma latinidade no francês. Aquelas tribos germânicas desceram, tomaram Roma e assumiram o Estado romano que foi se fragmentando. Quem possuía propriedades deveria agora habitá-las para defendê-las com uma milícia pessoal e profissional. Era comum o nobre romano morar em Roma e possuir terras no sul da França, por exemplo. Os invasores iriam atrás de terras como era de se esperar.

Finalmente, em 25 de dezembro de 800, há a primeira tentativa de unificação política por meio de Carlos Magno (coroado imperador do 1º Império que substituiu o Império Romano). Este tinha uma diferença em relação ao Império Romano que separava Deus e César (o soldado romano antes era ao mesmo tempo sacerdote e soldado – não que levasse isso muito a sério). Ao contrário, com Carlos Magno, o cristianismo está por trás da primeira tentativa de reunificação e ele obriga a se lidar com as coisas de César e as coisas de Deus.

Esse modelo de governo, com tal divisão, ficará vivo durante toda a época medieval. Quem dizia que Carlos Magno era Imperador? O Papa. A Igreja Católica (poder espiritual) ficava acima de tudo; o governante era o Príncipe (poder temporal); o poder econômico era pequeno pois não havia burguesia, e sim uma comunidade de artesãos; e o conselho de César que estava a serviço dessa estrutura. Essa estrutura medieval é igual a estrutura de castas, ou seja, o que é uma demonstração de que não é uma coisa arbitrária mas está presente em todos os assuntos humanos.

Carlos Magno remonta o Império Romano mas após a sua morte seus filhos não conseguiram manter a unidade e o poder foi substituído pelo *sacro-império germânico romano* – é a tentativa de se fazer a mesma coisa que os gauleses fizeram só que agora estão no comando os germânicos. O Segundo Império irá existir por centenas de anos, ainda com base cristã... até Napoleão Bonaparte aparecer.

Ocorre que em 1300, este modelo já estava esgotado por varias razões e foi assim destruído pela França de Napoleão (e Carlos Magno representava uma das tribos ditas francesas...). Nesta época não havia como suportar mais tal estrutura pois esta limitava demais o poder do Imperador que tinha que prestar contas ao Clero o tempo todo tornando as conspirações e choques inevitáveis. A perseguição ao poder pode ser exemplificada pela condenação dos Templários e a extinção de sua ordem. Em 1314, numa sexta-feira treze, foram todos queimados, daí a lenda de ser este um dia de azar.

O modelo temporal queria ser o poder de verdade, sem estar sujeito ao Clero e nasce o Absolutismo com Felipe IV, o Belo que transfere a sede da igreja para Avignon com segundas intenções. Felipe IV empossa um Papa que concordava com ele e uma praga lhes foi rogada; pois tanto o Papa quanto Felipe foram mortos naquele mesmo ano (urso representava Artur, e o javali, era o símbolo da casta bramânica, o que comprova a praga). Imaginem a cena: a família real francesa (Bourbon) partiu para a morte saindo da sede dos Templários em Paris (onde esperavam a sentença), na Rua do Templo... exceto Maria Antonieta que foi separada do filho por puro sadismo. Há nesta história uma maldição terrível...

Esse conflito de quem deve mandar existe por toda a Europa. O Papa ou o poder temporal? Outro conflito: quem deve mandar – os guelfos ou os gibelinos? Os guelfos eram partidários do poder pontificial e os gibelinos, partidários do poder temporal. Surgem as facções e as brigas são seríssimas. Dante é de uma família de guelfos e acaba vencendo. Mas logo em seguida à sua vitória ocorre entre estes uma divisão – guelfos brancos (Bianca, a matriarca) versus guelfos negros. Parte achava que o poder do Papa deveria ser grande e parte não concordava.

Beatriz passou a ser modelo de devoção para Dante (uma paixão de criança que se casou com um banqueiro e morreu precocemente) – mas não é ela quem acompanha Dante até o final de sua aventura e sim, São Bernardo de Claraval, que é o conceituador dos templários. Ele não era um templário no sentido militar como os que estavam na Palestina defendendo a cidade, mas ainda era um templário (entidade mística).

Dante está com 35 anos vivendo essas divergências políticas: guelfos brancos brigando com negros em torno de maior ou menor independência de Florença. O papa Bonifácio VIII é transformado num mostro pelo escritor, embora fosse uma enorme resistência contra Felipe IV, o Belo (este sim, era um monstro). Resolvem a questão exilando os líderes das facções. Foi assim que Dante acabou deixando sua cidade natal para vagar de casa em casa pela Itália... sem nunca mais voltar para Florença, nem depois de morto.

(*Prof. Monir lê a apostila* "*Cronologia*").

Dante fica no exílio escrevendo sua obra que é repleta de citações políticas da época. Ele queria criar uma situação política para Florença: gostaria que pudesse aparecer alguém que fizesse a recuperação da saúde política da Itália, alguém que fosse um líder novo e fosse um líder civil.

A Divina Comédia é o maior de todos os relatos da cosmologia cristã! O modelo de cristianismo só fica evidente no Purgatório e no Paraíso embora as pessoas se interessem e se divirtam mais com o Inferno. Ninguém fez tão bem como Dante.

Vamos para o resumo da obra:

Deus criou os seres humanos para serem como os anjos. Lúcifer, o anjo mais belo de todos, volta-se contra Deus exatamente por isto e se rebela levando consigo uma parte dos anjos que se associa a ele na luta contra os outros anjos restantes partidários de Deus. Só que ao se rebelar, cai na terra e faz um buraco até o centro desta onde acaba enterrado. A terra que se deslocou com a queda vai formar o Monte do Purgatório (no outro lado da Terra). O buraco fica sob a cidade de Jerusalém e exatamente do lado oposto está o Monte do Purgatório. O mundo só existiria no hemisfério norte.

Dante parte da superfície e irá ao Paraíso passando pelo Inferno e Purgatório. A partir do Paraíso Terrestre ele sobe para encontrar Deus. São 9 círculos no Purgatório, 9 Infernos e 9 Céus (por razões simbólicas). O astrônomo que dá origem ao raciocínio astronômico é Cláudio Ptolomeu (grego – parente de Alexandre da Macedônia). Ainda não há Kepler nem Copérnico. Essa cultura mitológica era conhecida por todos... diferente de hoje.

A viagem de Dante começa na quinta-feira santa do ano de 1300 e termina na quinta-feira de cinzas – vai de quinta à quinta. Seu início coincide com o equinócio da primavera sob lua cheia (hemisfério norte pois estamos na Itália). Equinócio é quando o dia tem a mesma duração que a noite. Há dois por ano: o de primavera e o de outono. Dante teria 35 anos em 1300 – por isso o verso "*Nel mezzo del cammin di nostra vita"* – na metade do caminho de nossa vida. Os acontecimentos desastrosos que iriam acontecer com ele ocorrem depois desta data – ele será expulso de Roma em 1302. Atenção: ele não escreveu em 1300 mas conta como se tivesse feito neste ano. A obra teria sido escrita entre 1308 e 1321 (ano de sua morte). É chamada de Comédia no sentido grego (deu tudo certo). A Sátira servia para rir. Bocaccio foi quem deu o apelido de "Divina" muito depois.

Boreal (hemisfério norte)≠ Austral

O pecado é um rompimento, uma rebelião contra a vontade de Deus, contra o cosmos – por exemplo, quem come demais, que passa a vida com glutonices, está cometendo pecado. Este tipo de pecado que é o de exceder uma qualificação humana está inserido numa classificação hierárquica. São Tomas de Aquino ensina que se chamam pecados capitais porque são *caput* (da cabeça, derivados) de diversos outros pecados.

Há 7 pecados capitais dos quais os mais graves são a *Soberba* (querer ter o poder de Deus), a *Inveja* e a *Ira.* São pecados porque ofendem a terceiros, ou seja, ofendem a Deus e aos semelhantes. Um pecado intermediário é o da *Omissão* (chamado popularmente de Preguiça), provavelmente um subproduto da Soberba. Daí vem os pecados que só ofendem a você mesmo: *Avareza, Gula* e a *Luxúria* (o menos grave). O avarento é muito individualista e não reconhece sua condição subordinada de criatura – ele peca contra si mesmo e se prejudica.

Há 3 virtudes teologais: *Fé*, *Esperança* e *Caridade*. A *Caridade* não foi criada para você ajudar o outro – o que o pobre recebe não é o objetivo central – o beneficio para o pobre é um efeito colateral – na verdade, a *Caridade* serve para você se sentir melhor (você dá dinheiro ao pobre para você se desapegar daquela nota). A *Caridade* é uma terapia para o individuo que dá.

Observem que o nº 3 é o número chave e tem o seguinte símbolo: Deus criou o mundo em Unidade (entidades unitárias) e toda entidade unitária implica necessariamente numa espécie de oposição – o *um* se associa ao *não-um*. Essas oposições são uma regra geral do mundo, no entanto, essas oposições não podem ser conflituosas – elas devem ser harmônicas – e como as harmonizamos? Quando associamos a um terceiro termo. Por exemplo, homem e mulher estão em oposição mas são o ser humano = assim, há um terceiro termo que unifica e harmoniza as aparentes oposições. Se tudo é oposição, as oposições tendem a se unificar num terceiro ponto de harmonia senão o mundo seria impossível. Assim usamos o número 3. Dante explora a potência metafísica do número 3 – é uma das eternas leis que fazem o mundo ser o que é. As leis metafísicas existem antes do mundo existir, como no jogo de xadrez onde todos que jogaram obedeceram às mesmas regras que já existiam antes do primeiro jogo acontecer.

A história mais terrível que Dante conta (aconteceu em Pisa) foi a do sujeito que foi posto para morrer numa torre com filhos e netos e que pretensamente os comeu.

O que seria a selva escura: tudo indica que seja a situação na qual Dante se meteu e para a qual ele atribui simbolicamente três culpados: (1) às brigas de Florença (guelfos, etc.), (2) à França na pessoa de Felipe IV, o Belo, e (3) a Roma, que é o Bonifácio VIII. As 3 feras são esses seus inimigos embora existam outras interpretações.

Virgílio era um poeta romano que morreu antes de Jesus nascer e que escreveu a famosa obra Eneida que conta o nascimento de Roma por Enéias. Essa história foi inventada no tempo de Júlio César (época de Virgílio) para torná-la um pouco mais nobre (lembram-se do rapto das Sabinas?).

É interessante analisar os ciclos heróicos. Vejamos alguns:

• Ilíada e Odisséia
• Enéias
• Rei Artur (por volta de 500)
• ciclo dos 12 cavaleiros da Tavola Redonda
• ciclo da França, da corte de Carlos Magno (por volta de 800) com os 12 Pares de França: tropa de elite pessoal do rei, com 12 cavaleiros leais a ele, equivalentes aos 12 cavaleiros da Tavola Redonda, liderados por seu sobrinho Roland
• há o ciclo nórdico com Tristão e Isolda
• Na Alemanha, Wagner em ópera conta a história folclórica do anel do Nibelungen e suas 4 grandes obras: o ouro do Reno, as Valkirias, Sigfried e o crepúsculo dos deuses, com o objetivo de criar o conceito de germanidade e unificar a Alemanha
• Beowulf (herói nórdico) e assim por diante;

com o objetivo de enobrecer um determinado poder político ou criar um mito fundador para que um determinado povo tente uma unificação.

Virgílio saiu do Limbo para guiar Dante e fala de Beatriz, de Santa Luzia e Nossa Senhora que lhe pediram para ajudá-lo na caminhada, mas ele não pode ir para o Céu porque não conheceu Jesus. Dante fica apavorado com a possibilidade de ter que passar pelo Inferno... e Virgílio o acalma.

Seria o Veltro um unificador da Itália, um novo líder político? É grande a polêmica acerca do tal Veltro. Mas a melhor interpretação encontrada é a de que seria um novo líder político capaz de unificar a Itália. Dante passa seu tempo de exílio tentando detectar possíveis candidatos à unificação e cita nomes pela sua obra → é o que se chama *profecia auto consumada* – você inventa aquele nome para induzir o sujeito a assumir a tarefa. Mas não interprete a Comédia somente por este viés – não se esqueça das outras interpretações que o próprio Dante mencionou.

Antes de entrar no Inferno encontramos um portal → lá estão os *Ignatos* que são todos os covardes como os anjos que na guerra entre Lúcifer e Deus, não quiseram assumir lado algum. É a turma que ficou neutra. Também estava lá o Papa Celestino V que era um velhinho que ficava no mosteiro rezando o dia inteiro e que foi convidado a ser papa tendo renunciado ao cargo 5 meses depois (naquele ambiente político difícil). Dante o coloca com os *Ignatos* por causa da sua *renúncia*. Na verdade, Dante o responsabiliza pela entrada de Bonifácio VIII que não teria acontecido caso o primeiro Papa tivesse cumprido seu mandato. Ele fará de Bonifácio VIII a figura mais mal vista de todo o livro. Celestino levou uma parte da culpa.

Numa das 12 aventuras de Hércules, Caronte não quis passar para a outra margem e tomou a maior surra de Hércules a ponto de ter sido substituído por outro diabo.

Levem em conta que todas essas histórias mitológicas tem mais de uma versão. Nunca uma só. Há quem ache o Minós o mesmo do Labirinto e há quem não ache. O dicionário de mitologia às vezes traz até 4 versões sobre o mesmo personagem. O Minós na versão dantesca tem o rabo comprido com o qual aponta o círculo para onde o pecador deve ir. Quanto mais baixo o circulo, pior é a pena.

A passagem em que Dante se encontra no Limbo é muito divertida pois os personagens não são maus embora ali habitem – estes devem apenas esperar o Juízo Final.

A *Luxúria* é o pecado de se dar excessiva importância sexual à vida. O sexo não deve ser a coisa mais importante da sua existência.

A chuva putrefata do terceiro círculo é de cocô mesmo! Este é o castigo dos glutões. E a chuva é permanente!

O 2º rio do Inferno é aquele onde a mãe de Aquiles o mergulhou para torná-lo invencível aos poderes humanos. É um rio pantanoso e aparece na altura dos *Iracundos* (que brigam o tempo todo) e os *Rancorosos* que dentro d'água "morrem" de raiva.

(Prof. Monir lê em voz alta o Canto I, O Inferno)

Flegetonte significa "água fervendo" onde ficam imersos os *Violentos* que não podem sequer tirar a cabeça para fora sem levar um golpe dos centauros.

Sodomitas são os homossexuais e logo depois está Gérion.

Ulisses é o espertalhão da Ilíada e Odisséia e deve pagar pelo:seu pecado que foi ser um *Mau Conselheiro*. Há uma versão de que ele tenha feito outra viagem depois daquela e encontrou o Monte do Purgatório onde sofreu um naufrágio e foi finalmente para o Inferno.

Quando o arcebispo de São Paulo empresta uma sala da Sé para a entidade "Mulheres católicas a favor do aborto" se reunir, ele está cometendo o pecado dos *Cismáticos*. O cristianismo não admite o aborto... assim a CNBB é cismática!

A idéia do diabo é justamente esta: inverter as coisas...

	Ignavos	RIOS
Inferno superior incontinência	I. Limbo: sem batismo II. Luxuriosos III. Gulosos IV. Avaros e Pródigos V. Iracundos e Rancorosos	*Aqueronte*
Inferno profundo	VI. Heréticos VII. Violência e Bestialidade 1. Tiranos e Assaltantes 2. Suicidas e Gastadores 3. Blasfemos e Sodomistas VIII. Fraude Simples 1. Sedutores e Rufiões 2. Aduladores e Lisonjeadores 3. Simoníacos 4. Magos e Adivinhos 5. Traficantes 6. Hipócritas 7. Ladrões 8. Maus Conselheiros 9. Cismáticos 10. Falsários IX. Traições 1. Caína (contra parentes) 2. Antenora (contra pátria) 3. Ptoloméia (contra hóspedes) 4. Judeca (contra benfeitores) Lúcifer	*Estige* *Flegetonte* *Abismo* *Coccito*

Os antigos achavam que o centro da terra era gelado pois o gelo era a garantia da impossibilidade da ação: o frio congelante do Inferno impedia qualquer ação humana – o Rio Coccito é gelado.

Caína vem de Caim que matou Abel, *Antenora* vem de Antenor que foi o sujeito que traiu os troianos se unindo aos gregos e ajudando a colocar o cavalo de Tróia para dentro da cidade. *Ptolomeu* era do Egito de Cleópatra que matou parentes e finalmente *Judeca* de Judas que traiu Jesus.

O Arcebispo Ruggieri que emparedou o Conde Ugolino com filhos e netos na torre de Gualandi, sem alimento, tem seu crânio raivosamente roído pelo Conde como penitência pelo seu pecado.

Tudo o que acontece aqui é antes do Juízo Final, o que significa que tudo que foi escrito não é necessariamente real mas é o estado da nossa própria mente. Uma vida infernal é uma vida sem esperança, uma vida em que você se auto nega a possibilidade da esperança. O sofrimento no Purgatório é o seu estado mental que está sendo descrito. O Inferno é a impossibilidade de encontrar Deus. Não é uma descrição factual mas uma descrição do sentido simbólico do Inferno, Purgatório e Paraíso.

O cristão deve basear sua vida nas 4 virtudes *Cardeais* na terra: *Prudência, Temperança, Fortaleza e Justiça*. São cardeais porque vem de outras, assim como os 4 pontos cardeais que cobrem todas as possibilidades. Essas virtudes estão relacionadas com sua vida terrena. As virtudes *Teologais* são associadas a Deus diretamente: a *Fé* (em Deus), *Esperança* (no encontro com Deus) e *Caridade* (dedicar tempo para fazer bem a Deus).

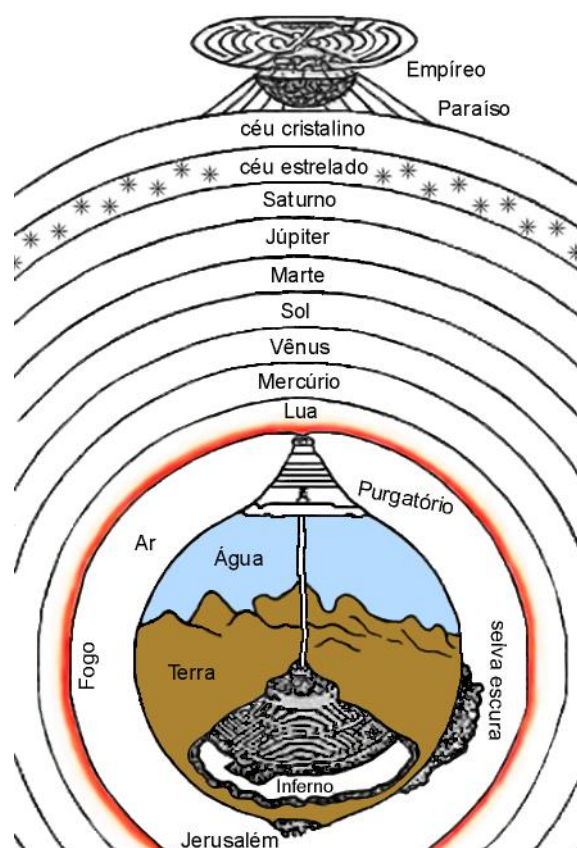
Vejam que a soma das virtudes dá 7... e não à toa, são 7 artes liberais, etc.

O cristão não deve passar sua vida resolvendo as injustiças do mundo.

Isto torna-se o mais poderoso instrumento para arregimentar a juventude num governo totalitário e/ou revolucionário → vide a juventude hitlerista ou a juventude do PT.

Por que? Porque querem a justiça perfeita e a justiça humana não é perfeita! O cristão deve cuidar da justiça de seus atos e não da do mundo. O jovem não deve se envolver nem com drogas, nem sexo ou rock'n roll mas apenas se preocupar em não produzir injustiças. Trate bem seus empregados, seja honesto, etc. O problema da justiça do mundo é que ela não está ao nosso alcance. Não se deve matar os judeus porque disseram que eles não são bons, etc. Não quer dizer que você é o paladino da Justiça pura, quer dizer apenas que seus atos são honestos, são cristãos.

Você pode sim criticar o mundo. Estou falando de uma situação muito particular sobre a juventude que quer mudar o mundo. Ora, se o sujeito nem consegue parar de fumar e quer criar o homem novo? Vai criar apenas tirania, morte e assassinato, assim como campos de concentração. Os criadores disso são os jovens – a palavra rapaz vem de *rapina.* A juventude traz consigo a agressividade que é utilizada pelos espertalhões (o alto clero que não crê em Deus), pelos que acham que justiça tem que ser pra nós aqui e agora.

Como o governo tenta impedir o cancelamento da CPMF? Dizendo que é para corrigir uma injustiça.

Os jovens caem nessa conversa, pois ficam indignados com as coisas que o político apontou no mundo – esses jovens formarão a massa de manobra e farão uma revolução com a maior boa vontade! Como se combate isto? Cristianizando-os de alguma maneira → estabelecendo melhor um conceito de justiça no lugar de deixá-lo em aberto.

Os judeus não acreditam em salvação – eles acreditam que na hora "h", Deus vai escolher Seus amigos e espera estar entre estes. O judaísmo é uma religião baseada fundamentalmente na idéia de que o judeu é amigo de Deus porque não possui nenhuma garantia de salvação. Jesus para o judeu não passa de outro judeu dissidente, maluco e cismático. A salvação do judeu depende de uma série de circunstâncias para as quais eles não têm a fórmula. Kafka vê o mundo dessa maneira, pois é um judeu convicto desta situação.

Os Islâmicos dão a Jesus o status de profeta.

Os cristãos ganharam na loteria pois Jesus apanhou em nosso lugar e nos livrou da culpa.

Algumas almas podem não ir diretamente para o Purgatório. Ocorre com os que morreram sob *excomunhão*; os que sofreram *morte violenta*, mas *perdoaram na última hora seus algozes* e os *príncipes e reis* que, ocupados com os afazeres do governo, *só no instante final voltaram o pensamento a Deus*. O tempo que devem esperar depende de cada caso. A oração dos vivos pode ajudá-los muito, aliás, é o que mais ajuda os mortos.

A conversa entre Sordelo e Virgilio produziu uma frase muito famosa hoje, usada quando se quer falar mal do governo: *"Ah dividida Itália, imersa em fel, nau sem piloto, em meio do tufão, dona de reinos, não, mas de bordel."*

À noite ninguém se move no Purgatório pois a noite é dos demônios então Dante pára sua caminhada. A subida fica cada vez mais fácil (pensem sobre isto).

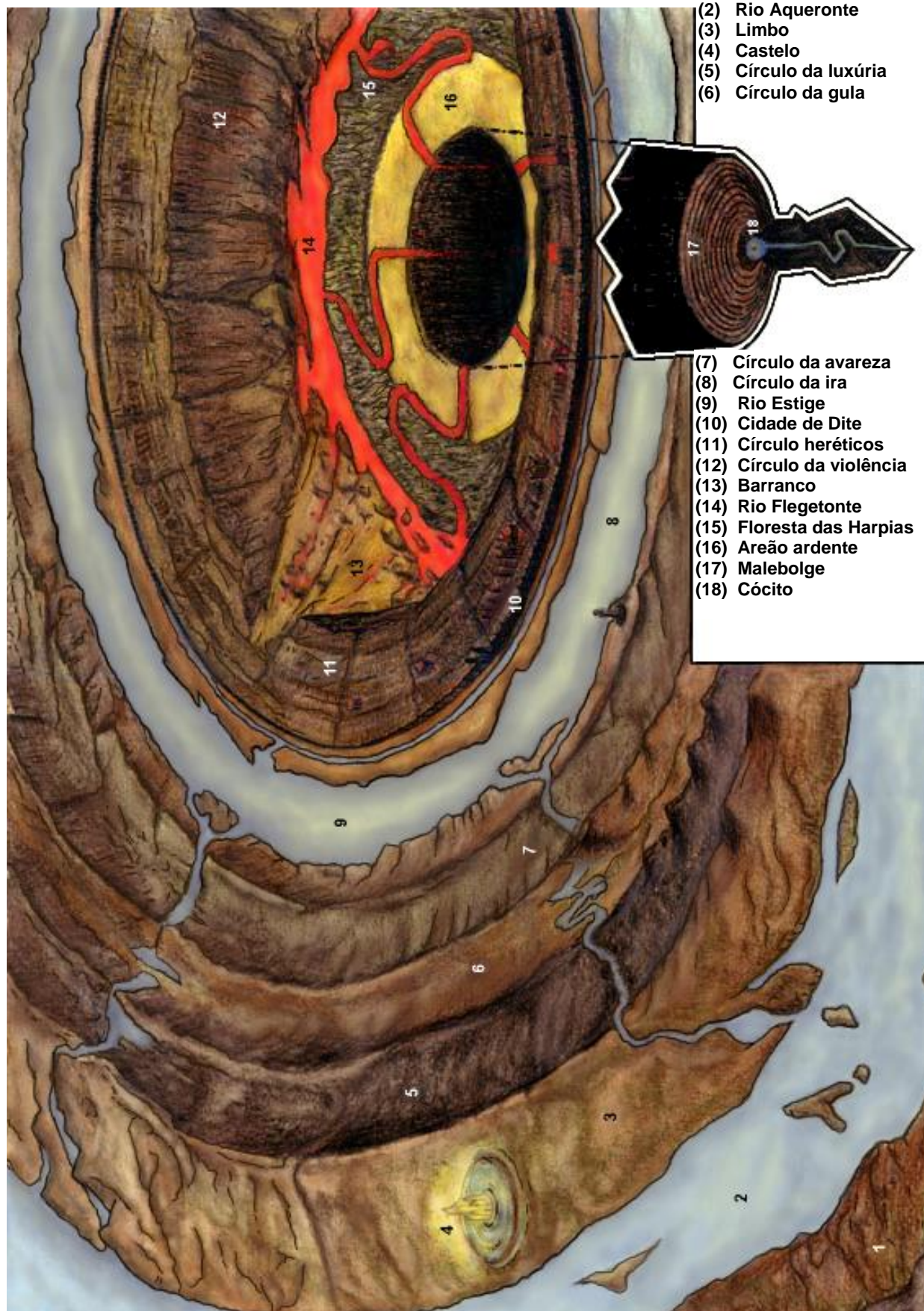
(Monir lê o Canto XI, do Purgatório que é uma versão do Pai Nosso)

No verso 108, o *céu mais lento* é o *céu da lua*. Os planetas funcionam como a caixa de câmbio no automóvel: a primeira é mais lenta mas é a mais forte (vide figura acima à direita os céus existentes).

No verso 140, quer dizer que os amigos de Dante farão o mesmo por ele.

Adão e Eva não ficaram dois dias no Paraíso Terrestre... porque o tal do pecado original foi muito rápido. O Paraíso está então desabitado pois os humanos caíram de lá, portanto, ele é apenas um símbolo.

O Inferno

(1) Vestíbulo
(2) Rio Aqueronte
(3) Limbo
(4) Castelo
(5) Círculo da luxúria
(6) Círculo da gula
(7) Círculo da avareza
(8) Círculo da ira
(9) Rio Estige
(10) Cidade de Dite
(11) Círculo heréticos
(12) Círculo da violência
(13) Barranco
(14) Rio Flegetonte
(15) Floresta das Harpias
(16) Areão ardente
(17) Malebolge
(18) Cócito

Os 7 céus planetários, dos 7 planetas astrológicos de Ptolomeu, correspondem aos 7 dias da semana. Segunda-feira é o dia da Lua (Monday), Terça é de Marte, Quarta é de Mercúrio (Mercredi), Quinta é dia de Júpiter, Sexta é dia de Vênus (Vendredi), Sábado é de Saturno e Domingo é do Sol. Há uma sabedoria profunda em tudo isto que o homem moderno acha bobagem. O Sétimo Céu é o momento que você está no ápice!

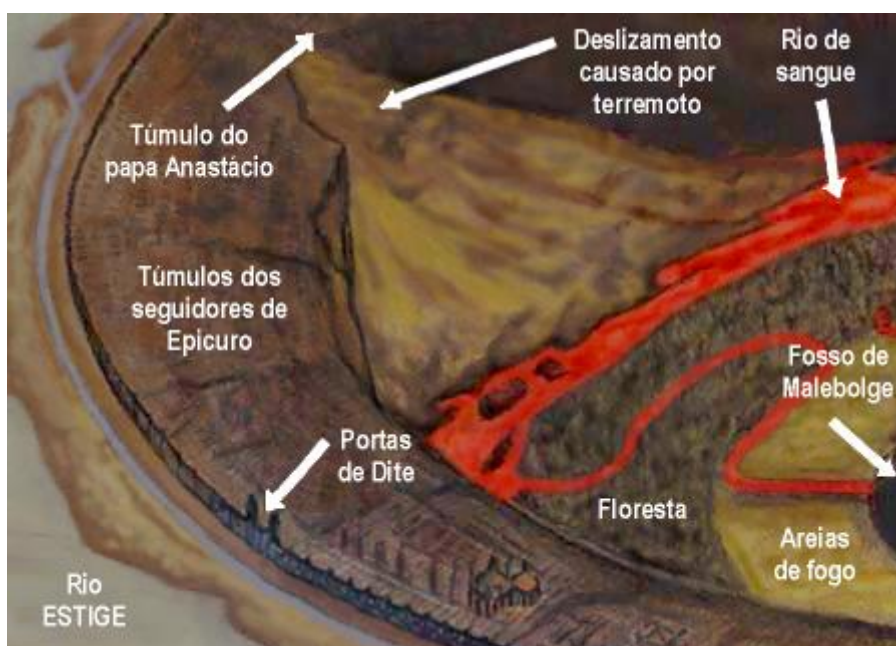
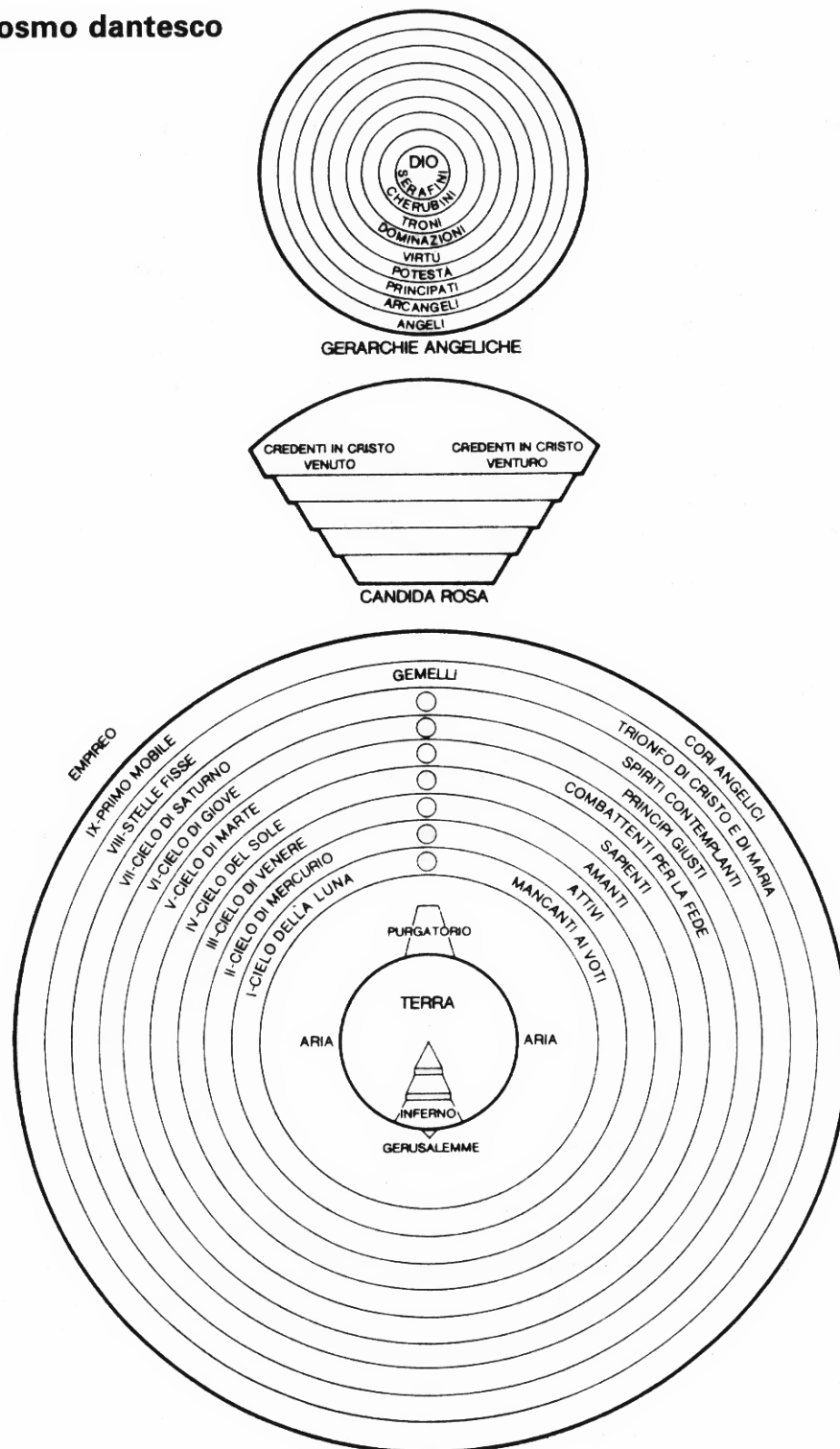
Cada um desses céus está associado a uma característica que Dante explica.

Dante nos conta com sua obra sobre o percurso que cada ser humano é capaz de fazer. Se tudo isto ocorre antes do Juízo Final, ele nos diz o que está acontecendo com a pessoa considerada na sua estrutura tradicional. Para os antigos, o homem possuía um componente corporal (físico), um psicológico (alma ou mente) e um espiritual (intelecto). Repare que correspondem às 3 instâncias: o corpo (parte mais deletéria), a mente (aspectos humanos abstratos) e o espírito que não é associado a coisa nenhuma porque ele é tecnicamente um pedaço de Deus na nossa existência. É a única parte que é indestrutível.

Não somos parte de Deus, senão seriamos uma somatória de todas as coisas → e a somatória seria de coisas finitas... o que nos levaria a uma aforia *(agenesia, incapacidade para gerar).* Spinoza diz que Deus é a somatória de todas as coisas que existem. Nós temos um pedaço da nossa existência que está na mente de Deus, um sopro de Deus na nossa existência. É o que Dante quer nos contar e nos conta a história como se ela fosse uma epopéia pessoal.

Chamam sua obra de epopéia, mas a Divina Comédia é muito diferente dos Lusíadas que tem o povo português como protagonista. A epopéia narra a constituição de uma nação como a Eneida que conta a história de Roma. A obra de Dante não tem essa conotação nacional. É a epopéia da mente italiana da Idade Média mas não exatamente uma epopéia → a menos que a considere a epopéia de uma única pessoa – de Dante que fez a viagem ao Inferno para poder atingir o Céu.

Isto não é incomum pois Jesus quando morreu desceu aos infernos para depois subir aos Céus (veja a oração "*Credo*"). O Diabo impede a aproximação do homem de Deus, daí ele ficar no meio do caminho que nos levaria até Deus.

Descer aos Infernos significa viver a vida humana em todas as suas perspectivas e nas suas possibilidades. Quer dizer sair do bom caminho que é o que Dante experimenta quando se refere à selva escura = cair na malignidade, na sujidade da baixa santidade do mundo → é você se deixar seduzir por todas aquelas possibilidades de desvio da sua própria natureza que também é divina (partindo deste pressuposto), é você se preocupar apenas com a parte material da sua vida... você mergulha na selva escura. A partir da selva escura é possível você procurar alguma santidade. A viagem que Dante fez é a viagem que acontece dentro da mente, do espírito de qualquer pessoa durante a sua existência (considerando a cosmologia cristã).

Detalhe do Inferno

Antes do Juízo Final nós podemos criar para nós mesmos um Inferno, um Purgatório (que é o estado mais ou menos natural, desejado) e criar um Paraíso, mas este último, apenas por quem for capaz de atingir um grau de santidade extraordinário a ponto de alcançar tal estágio. A Igreja Católica chama essas pessoas de santos. Santo é o nome que você dá para o individuo que pelo seu modo de viver atingiu um determinado patamar espiritual que o retira deste mundo e o joga para outro nível. Mas entenda também que a religião católica não foi feita para santos! O cliente do cristianismo é justamente o pecador! Então não se sinta mal. A maior estratégia demoníaca é trabalhar sua culpa. É o que ocorre com os 3 amigos de Jô que lhe dizem que ele tem culpa sim, que certamente cometeu algum mal, que ele não quer admitir... a ação demoníaca é a ação para o terror. Todos temos uma culpa coletiva do pecado original (que não é uma herança de Adão) mas que é imaginarmos a salvação sem Jesus... o pecado original é a tendência que todos temos para achar que temos o poder de salvar nossa vida e o mundo ***à nossa própria maneira***.

Esse gnosticismo implícito à nossa existência é o pecado original compartilhado por nós todos de certa maneira.

Como não existe humanidade perfeita, a falta de perfeição do mundo é o principal instrumento de combate que o diabo usa contra nossa salvação. Quando alguém diz que não vai colocar filhos neste mundo horroroso, quer dizer que vai esperar por um mundo perfeito para ter filhos? O que destrói sua possibilidade de salvação é a inércia! É a incapacidade de acreditar e de se arrepender e fazer pra frente! O Inferno na Divina Comédia é o estado mental de absoluta desesperança no seu poder de fazer alguma coisa pela sua própria vida! De fazer alguma coisa para cumprir o projeto de Deus. Os condenados ao Inferno são aqueles que desistiram. É a incapacidade de obter a salvação. É de todos, o sofrimento maior. O que pode acontecer no Juízo Final é Deus não Se lembrar de você... imagine deixar de existir porque Deus não se lembrou de você...

No Inferno nós não temos esperança de nenhuma espécie de transcendência ou de melhora e no Purgatório o sofrimento faz sentido – sentido que está correlacionado com a possibilidade de mudar de patamar, por isso o Purgatório é o estado natural do ser humano. Você se muda para o Inferno quando você decide jogar a toalha e começa a maldizer...

A Soberba é o pior dos pecados porque é desprezar as promessas que Deus lhe fez. É o único pecado imperdoável, é a desconsideração da graça divina. O resto? Bobagem.

A Divina Comédia descreve o estado espiritual que pode ser o da santidade que pouquíssimas pessoas alcançam pois são pessoas capazes de um esforço pessoal de desvinculação da carne tão extraordinário que já passaram para outro nível como Santa Terezinha e todos os mártires. São pessoas que transcenderam a sua condição humana em vida! É aquele que é capaz de dar a sua vida para salvar os outros.

Guénon diz que todos temos a *individualidade* e a *personalidade* (*personalité*):

• A *individualidade* é aquilo que diz que você é você e não outra pessoa: a que tem um CPF, um endereço, uma existência individual separada dos outros e, ao mesmo tempo,
• tem sua existência associada a um princípio do qual você deriva que ele chama de *personalité* (estou usando no sentido exclusivo de René Guénon) – é aquilo que faz de você um reflexo de alguma coisa maior que você.

Santo é aquele sujeito que consegue sacrificar toda a sua individualidade para refletir a sua personalidade – e é o que a caridade faz para nós: serve para nos lembrar que importante é a nossa origem e destino.

Podemos ser santos quando estamos convictos de nossas imperfeições e trabalhamos para melhorá-las. É o que acontece conosco no Purgatório. O Juízo Final é o julgamento daquilo que fizemos em função do que deveríamos ter feito.

Ideal é viver as dificuldades da vida e não perder a esperança de que isto tem um sentido → o de salvar nossa alma – é o estado ideal para seres imperfeitos como nós. Depois do Juízo Final se resolve o resto.

Quando você desiste de ser criatura e recusa o amor de Deus você gera para si um estado infernal de sofrimento permanente. Sofrimento inútil e eterno. O pior condenado ao Inferno é aquele que se rebela contra Deus diretamente: – "*Eu não quero você, quero fazer minha própria vida.*" → essa é a maior soberba de todas: quando você adquire "ares" de Deus.

Jesus voltará para fechar este mundo, virá julgar os vivos e os mortos, e algo acontece depois que não sabemos. É a execução da vida eterna para aqueles que merecerem. É um mistério. Isso é fé.

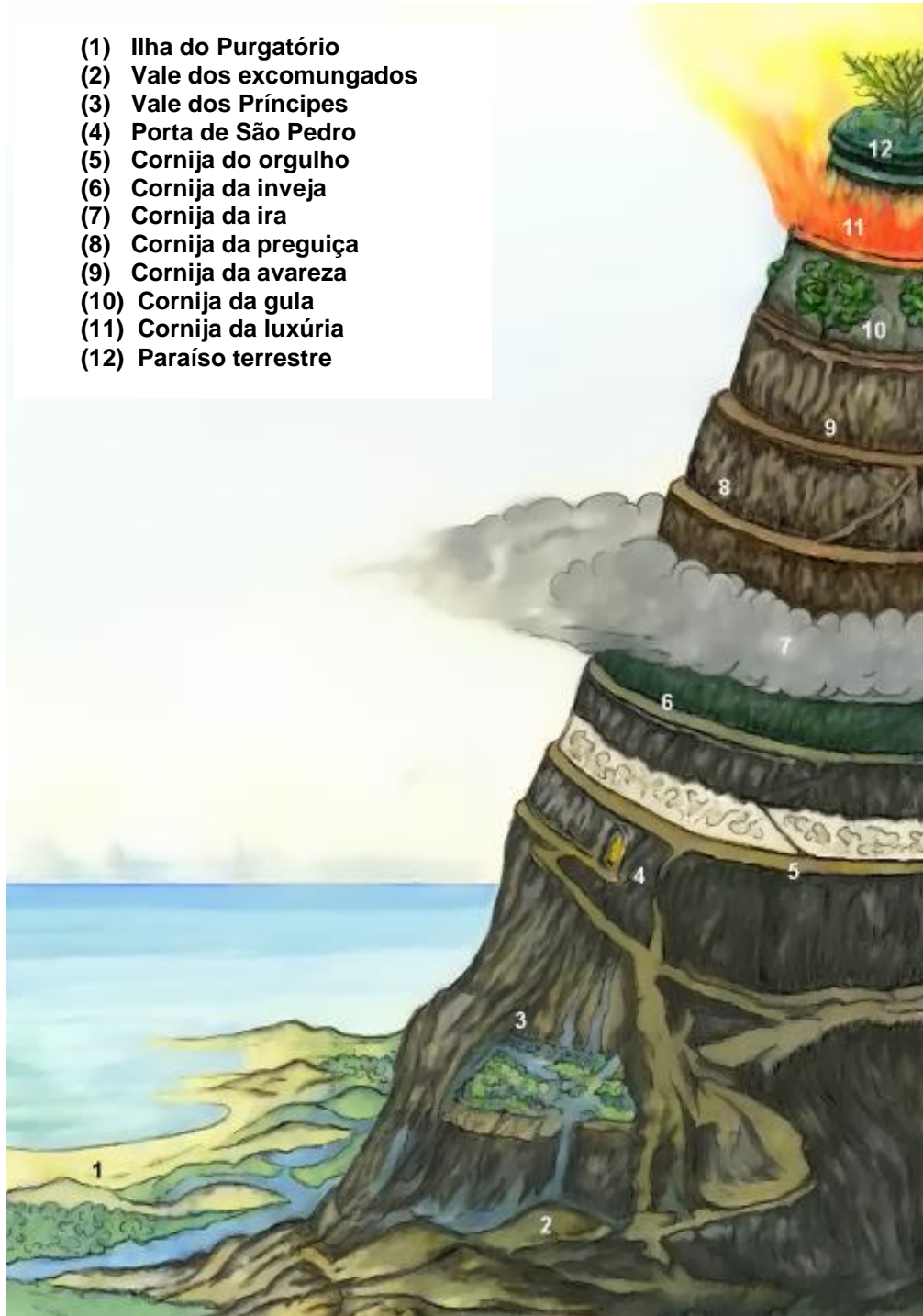
O padre tem a obrigação de falar ao fiel: Você tem só esta vida. Quando você morre, você desaparece. Esse desaparecimento significa ficar na memória de Deus. No Juízo Final Deus Se lembra de você e te ressuscita. Como entre o momento que você morre e o momento do Juízo Final existe e você não existe, assim, para a nossa percepção é como se dormíssemos e acordássemos no dia seguinte. O tempo não é sentido como tal. Acredito que só temos uma vida.

Os fenômenos espiritistas são todos verdadeiros porque do mesmo modo que nosso corpo demora um tempo para se decompor, os nossos conteúdos psicológicos também ficam por aí. Os ritos funerários foram inventados pelos antigos para dispersar os restos psicológicos. Então é possível que você apanhe algumas lembranças, mas não é a pessoa que está ali.

Leiam *"O Erro Espiritista"* de Guénon que analisa o Kardecismo e conclui que a hipótese reencarnatória não convence. Mostra que não há também nenhuma ligação disto com o Hinduismo. Nos Vedas não há nenhuma sustentação para essa hipótese reencarnatória.

No fundo esta idéia de espiritismo reencarnacionista esconde um conteúdo materialista enorme. É quase uma recusa de deixar este mundo.

Os hindus acreditam em estados diferentes do ser mas nunca voltando para o mesmo. Este é um assunto que não temos condição de discutir objetivamente porque ninguém sabe, não é?

O Purgatório

A Divina Comédia nos conta concretamente que Inferno, Purgatório e Paraíso são estados pessoais sobre os quais a pessoa tem total controle porque pecadores somos todos – é o modo como você se relaciona com os pecados que comete que faz a diferença.

O Diabo começou essa história toda porque ficou com inveja do ser humano – ele não queria que estes tivessem os poderes que Deus nos deu. Ele não é inimigo de Deus porque Deus não tem inimigos. O Diabo é metafisicamente um aspecto da natureza de Deus que tem um aborrecimento conosco porque nós O amolamos muito...

Há um aspecto de Deus com conteúdo de contradição com o ser humano. O Diabo é nosso inimigo e faz de tudo para impedir nosso encontro com o Criador. Como? Nos internando no Inferno, que significa pensar que não temos salvação; convencendo-nos de que não haverá salvação. O modo como você lida com a intervenção humana é a diferença entre estar no Purgatório ou no Inferno.

A cosmologia cristã resume assim: Deus nos criou porque nos amava mas Lhe fizemos um desaforo. Ele vem e limpa-nos da culpa → apenas pede para reconhecermos isso. Isto é cristianismo.

O livro que é anterior à Divina Comedia e traz coincidências chama-se "*A Alquimia da Felicidade Perfeita",* de `arabî, Mohyddin Ibn

Um dicionário muito bom que eu uso é o *"Dictionnaire Historique"* de Dominique Vallaud, publicado pela editora Fayard.

Guénon acha que tanto Ibn arabi como Dante estão reproduzindo um conhecimento anterior, de um espanhol que já havia escrito sobre o mesmo assunto.

O Diabo é um personal trainer de santidade. E não tem poder nenhum mas provocará o homem para que este exija de si a perfeição que não pode alcançar e acredite assim que está tudo perdido.

As religiões nunca prometem a mesma coisa. Guénon também tem ótimo livro sobre elas chamado "*A Unidade Transcendente das Religiões"* onde mostra que sob a aparência diversa doutrinal e ritualística está a promessa de coisas diferentes. A única que promete a salvação da alma é o cristianismo, porém ao analisar metafisicamente todas elas, vê-se um ponto único: a reunião da criatura com a Criação. No sentido simbólico dos números, é sair do 1 e voltar para o 10.

O iniciático que olha para a simbologia e compreende as camadas ocultas corre o risco de se tornar um gnóstico – aquele homem que já sabe tudo e vai além do status de criatura. Servem apenas para quem tem muita capacidade pessoal, muita maturidade.

Guénon não gostava das religiões pois achava que serviam àqueles que não tinham cultura – mas no fim de sua vida, saiu da vida pública, mudou-se para o Egito e tornou-se muçulmano.